

LINGÜÍSTICA E TRADUTOLOGIA *

Ignacio Antonio Neis

Pós-Graduação em Lingüística
e Letras da PUCRS

1 — INTRODUÇÃO

Dizer que "traduzir consiste em reproduzir na língua-alvo o equivalente natural mais próximo da mensagem da língua-fonte, primeiro quanto ao sentido e depois quanto à forma" (Nida & Taber, 1974, p. 12)** é reconhecer que se trata de uma operação de comunicação lingüística. Empregando explicitamente conceitos múltiplos, tais como **língua-fonte, língua-alvo, mensagem, equivalente, sentido, forma**, e supondo implicitamente a presença de um emissor, de um receptor-emissor e de outro receptor, esta definição faz ver de imediato que, teoricamente, a atividade tradutória envolve um processo bastante complexo de comunicação.

O aspecto sui generis de uma tal comunicação, aquilo que distingue um tradutor de um autor, é que o tradutor não cria seu próprio texto para exprimir o que deseja, mas está sujeito, devido à função que assume, a reproduzir, com a máxima fidelidade, num segundo código lingüístico, para os destinatários da tradução, a mensagem que o autor do texto original codificou para seus leitores-receptores. Isso implica obrigações, limitações e dificuldades específicas, de modo que a tradução, diferenciando-se das demais formas de comunicação lingüística, tem fundamentos, princípios e normas próprias, objeto da Teoria da Tradução.

Contrariamente ao que ocorria em épocas passadas, quando os tradutores se valiam de sua experiência, virtuosismo

* O presente artigo retoma algumas passagens do artigo "Do conceito de tradução", do mesmo autor, publicado no nº 37 de *Letras de Hoje*.

** As passagens de obras estrangeiras citadas foram traduzidas pelo autor deste artigo.

ou arte, seguindo princípios da Retórica e da Estilística, esta atividade, desde os anos de 1950, passou a ser orientada cientificamente, devido à conjugação da Lingüística e da Tradução. O grande acervo de estudos que se acumularam neste campo, nas últimas três décadas, apesar de muitas produções serem fragmentárias, provisórias ou ultrapassadas, já logrou fornecer um corpo de conceitos fundamentados, de princípios teóricos e metodológicos, e hoje se reconhece à Teoria da Tradução, também designada Tradutologia, o estatuto de ciência.

A complexidade do processo tradutório requer, para o estabelecimento de seu modelo teórico, a articulação sistemática e exaustiva de conhecimentos diversificados, onde diferentes teorias se inter-relacionam e se relacionam com a Tradução, transformando a Tradutologia, como acontece com tantas outras ciências recentes, numa ciência Interdisciplinar, na convergência de uma constelação de disciplinas: Lingüística, Estilística, Teoria da Comunicação e Informação, Sociolingüística, Etnolingüística, Psicolingüística, Pragmática Lingüística. Percebe-se que o denominador comum dessas disciplinas é o fator linguagem, de modo que a Lingüística deverá ser o ponto de partida da Teoria da Tradução.

O presente trabalho visa a situar teoricamente a Tradutologia em relação às demais ciências da linguagem, para verificar que contribuições espera receber de cada uma delas e comprovar, assim, que esta ciência se organiza sobre um modelo interdisciplinar complexo de comunicação lingüística.

2 — TRADUTOLOGIA E MICROLINGÜÍSTICA

Considera-se objeto formal da Lingüística a linguagem humana verbal, estudada em si mesma e por si mesma, abstraindo-a do contexto sócio-cultural, dos motivos e objetivos dos falantes, das diferenças individuais e sociais entre eles, dos seus erros, interrupções, subentendidos, do seu comportamento situacional. A Lingüística consagra-se ao estudo da língua; procura determinar e classificar as unidades dos diferentes códigos lingüísticos, procedendo, na descrição, por regularização, padronização e descontextualização. Este princípio fundamental, que a leva a não se interessar pelo estudo da fala, estabelece limites claros ao seu campo de pesquisas.

À Lingüística teórica, descritiva, abstração da fala, que aborda a língua como sistema de signos independentemente de teorias do comportamento ou da sociedade, certos autores têm dado o nome de Microlingüística, para distingui-la das de-

mais ciências relacionadas com a linguagem, englobadas pela chamada Macrolingüística (cf. Lyons, 1973, p. 170; Corder, 1973, p. 81-2; J. P. Allen, 1975, p. 17).

A (Micro) lingüística assim delimitada pode parecer, à primeira vista, esgotar rapidamente seu objeto de estudos. No entanto, sua meta é ambiciosa e sua tarefa fundamental, pois visa a determinar a estrutura de todas as línguas existentes, mediante a descrição de seus sistemas fonológicos, morfossintáticos ou gramaticais, e semânticos.

Os melhores resultados obtidos até o momento situam-se na área da fonologia e da morfossintaxe. O fato de não ter ainda produzido teorias satisfatórias no que diz respeito à semântica em muito se deve à limitação de seus objetivos e à concentração deliberada dos estudos nos aspectos formais da linguagem que, como se tem apontado fartamente, não dão conta do sentido dos enunciados lingüísticos.

2.1 — A diferença dos sistemas lingüísticos e Tradutologia

Considerando-se a diversidade dos sistemas lingüísticos, com as grandes diferenças das respectivas estruturas fonológicas, morfossintáticas e lexicais — ainda muito imperfeitamente descritas — compreende-se que a primeira preocupação unânime dos teóricos da tradução concirna a própria traduzibilidade, ou seja, a possibilidade de se reproduzir numa outra língua o equivalente da mensagem contida num texto original. Os estudos pioneiros relativos à Teoria da Tradução têm-se debruçado sobre este problema fundamental: a partir da década de 1950, a Lingüística americana, estruturalista, pôs-se a mostrar os obstáculos devidos às diferenças culturais refletidas nas diversidades dos sistemas lingüísticos; a linha russa apresentava organicamente princípios e técnicas relativas aos diferentes tipos de traduções (literária, poética, teatral, técnica, etc.); e, no Canadá, foi criado o primeiro método de tradução, com *La stylistique comparée du français et de l'anglais*, de J. P. Vinay & J. Darbelnet, como proposta de solução concreta para as dificuldades da tradução.

Jakobson (1977, p. 65) vê o maior dos problemas da tradução no nível dos códigos lingüísticos diferentes, pois "a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes" e "a equivalência na diferença é o problema principal da linguagem e a principal preocupação da Lingüística".

Neste sentido, é significativa a tese de Georges Mounin **Os problemas teóricos da tradução** que, segundo J.-R. Ladmiral (1972, p. 4), mais do que uma teoria científica da tradução, propõe um discurso pedagógico sobre ela: o autor está preocupado com um problema metafísico, o preconceito da intraduzibilidade. Mounin deve muito à época do dogmatismo metodológico e positivista e da atitude anti-semântica, que rejeitavam a tradução para fora do domínio epistemológico.

No seu livro, Mounin (1975) procura mostrar, contra os que afirmam ser a tradução uma arte, que, na realidade, se trata de uma operação lingüística, mas com muito mais limitações do que possibilidades de êxito. Para demonstrar sua tese, examina os mais diversos obstáculos da tradução, à luz das teorias sobre o significado (Saussure, Bloomfield, Harris, Hjelmslev), sobre as visões do mundo e as diferenças entre as culturas, sobre a equivalência semântica no léxico e nos aspectos morfosintáticos, encontrando na sintaxe as objeções mais sérias contra a possibilidade de tradução. Em suas conclusões, o autor reconhece que os obstáculos da tradução são reais e numerosos, todos explicáveis a partir das teorias lingüísticas modernas e, centralmente, das da Lingüística estrutural: as diferenças entre os sistemas culturais e lingüísticos condicionam de tal forma a possibilidade de se identificar com segurança o sentido dos enunciados em uma determinada língua e de se encontrar o equivalente deste sentido em outra, que a tradução, segundo Mounin (1975, p. 252), será sempre uma operação "de sucesso relativo, e variável nos níveis de comunicação por ela atingidos"; e o mais que se pode afirmar é que ela "nunca chega a ser inexoravelmente impossível".

A preocupação da equivalência de sentido encontra-se centrada, para muitos autores, nos próprios sistemas lingüísticos, como o exemplifica a definição de Erwin Theodor (1976, p. 21), segundo o qual traduzir é "transferir o conteúdo de um texto com os meios próprios de outra língua. A equivalência informativa precisa ser assegurada e, tratando-se de texto literário, também a correspondência formal".

A solução teórica estaria na busca da equivalência a nível principalmente gramatical e lexical (sendo excepcional a preocupação com uma equivalência a nível fonológico); em outras palavras, procura-se, na tradução, realizar a passagem de um código-sistema de signos a outro código-sistema de signos. Este conceito chega a ter expressão extremada em definições tais como a de A. G. Oettinger (apud Theodor, 1976, p. 14), que vê na tradução "um processo da transferência de sinais ou representações gráficas a um sistema de outros sinais e

representações gráficas", e a de Jules Legras (apud Rónai, 1976, p. 4), para quem "traduzir consiste em conduzir determinado texto para o domínio de outra língua que não aquela em que está escrito". Domina, em tais definições, o conceito de tradução como atividade puramente lingüística, a nível de sinais gráficos e de texto, sem referência ao problema do sentido ou da equivalência semântica.

Nota-se que muitos dicionários de língua também não abordam conceitos que ultrapassem a preocupação com uma operação bastante imprecisa de transferência textual. O **Novo Dicionário de Aurélio** diz: "Traduzir: transpor, passar de uma língua para outra", definição que não indica sequer o objeto da transferência de uma língua para outra. O **Petit Larousse** é um pouco mais explícito neste sentido, ao definir o verbo traduzir: "fazer passar um texto de uma língua para outra". Semelhantemente, o **Dictionnaire du Français Contemporain** afirma que "traduzir um texto, um discurso, etc., é fazê-los passar de uma língua para outra". Já o dicionário **Robert** está mais voltado para o conteúdo daquilo que se traduz, ao definir o ato de traduzir como "fazer com que aquilo que era enunciado numa língua o seja numa outra, tendendo à equivalência semântica e expressiva dos dois enunciados". Esta última definição dá conta da importância da equivalência de sentido a ser preservada; mas dá conta, outrossim, da complexidade do processo: na realidade, a equivalência semântica vem associada à equivalência formal, estilística, expressiva; e dá conta ainda da dificuldade desta operação, pois a tradução pode — nos termos da definição — apenas tender à equivalência semântica e expressiva.

Além desses enfoques, e principalmente da abordagem sistemática dos problemas lingüísticos da tradução realizada na tese de Mounin, pode ser lembrada a abordagem estruturalista de Martinet (1976, p. 354-6), o qual vê três séries de problemas para a tradução, todos no plano das estruturas lingüísticas: a não-equivalência lexical, a não-equivalência sintática e a não-equivalência estilística entre os sistemas. Face ao problema da não-equivalência lexical, propõe a análise das línguas, para serem identificados os obstáculos culturais que se manifestam nas diferentes estruturas dos léxicos. Face à não-equivalência sintática ou gramatical, aponta a necessidade de análise dos traços pertinentes das situações, que permite chegar à realidade não-lingüística expressa pelos enunciados. Face à não-equivalência estilística, sugere que se verifique se é possível exprimir o mesmo conteúdo "expressivo, afetivo, intelectual e cultural — ou o seu equivalente mais aproximado — e por intermédio de que formas da língua para que se tra-

duz". A preocupação com o aspecto formal/estrutural evidencia que é nesse nível que Martinet vê a solução para o problema da equivalência de sentido.

Referência obrigatória em toda pesquisa sobre tradução, a obra de J. C. Catford *A Linguistic Theory of Translation (Una teoría lingüística de la traducción, 1970)* caracteriza-se por uma abordagem predominantemente formal da tradução, com ausência quase total de conceitos relativos ao conteúdo da informação. Na sua definição de tradução como "a substituição de material textual de uma língua (LF) por material textual equivalente em outra língua (LA)" (Catford, 1970, p. 39), aparece claramente que o objeto da transposição considerado na tradução não é conteúdo, mas material textual. É em outra definição que o autor identifica melhor qual é esse material textual a transpor na tradução. A tradução total é, segundo Catford (p. 43), "a substituição da gramática e do léxico da LF pela gramática e léxico, equivalentes, da LA, com a substituição conseqüente da fonologia/grafologia da LF pela fonologia/grafologia, não equivalentes, da LA". A busca das equivalências se dá, portanto, a nível gramatical e lexical. O próprio autor fornece um critério para se julgar essa equivalência: trata-se da equivalência de sentido, cuja base de referência é a situação: "A equivalência de tradução ocorre quando um texto ou segmento de texto LF e outro texto ou segmento de texto LA podem relacionar-se com os mesmos aspectos da substância ou ao menos com alguns deles" (p. 87-8). Por substância, entende o autor, na tradução total, precisamente a situação, a realidade extralingüística. A equivalência de sentido entre dois textos significa, pois, a relação dos dois textos com os mesmos aspectos da realidade extralingüística, e tal equivalência deve ser conseguida, segundo Catford, nos sistemas gramatical e lexical, dentro de uma visão estruturalista da língua-sistema.

Não há dúvida de que, ainda que limitada, a Lingüística teórica é uma ciência básica para a Teoria da Tradução. Sua mais valiosa contribuição, neste sentido, está naquilo que constitui sua meta mais ambiciosa: a descrição rigorosa e exaustiva de todos os sistemas lingüísticos.

Apesar de uma tal descrição estar muito longe de ser concluída, ela é, no entanto, um instrumento indispensável para se chegar a estabelecer fundamentos científicos de uma Teoria da Tradução. Esta descrição será, por sua vez, a base de ou-

* LF e LA são abreviaturas, respectivamente, de língua-fonte e língua-alvo. Lingüistas deixaram passar despercebido."

tra disciplina essencial dentro da Tradutologia: a Análise Contrastiva, que, com base em critérios objetivos e rigorosos, permite precisar equivalências e diferenças entre os elementos de diversos códigos lingüísticos.

2.2 — Problemas semânticos e Tradutologia

Sendo o objetivo da tradução — principalmente quando se trata de textos informativos, que constituem o maior volume na tarefa dos tradutores — determinar o sentido do texto da língua-fonte e expressar seu equivalente semântico na língua-alvo, deverão ser propostos critérios objetivos que assegurem a realização destas duas operações. A Lingüística, porém, ainda não possui modelos satisfatórios para o estudo do sentido; por outro lado, a preocupação com a equivalência semântica é compartilhada, como foi visto, por todos os teóricos da tradução. Alguns deles desenvolveram estudos mais aprofundados relativos à tradução do sentido.

No cerne da tese de Mounin (1975), encontra-se o exame das teorias sobre o significado, destacando-se as de Saussure, Bloomfield, Hjelmslev e Harris; a pesquisa sobre a traduzibilidade é baseada na busca de equivalências, a partir da noção de campo semântico: visto que a tradução visa ao sentido e efetua todas as suas operações dentro do campo do sentido, a Teoria da Tradução está interessada em quaisquer estudos sobre este campo, tais como os de Hjelmslev, Prieto, Gardin, na busca da determinação das unidades mínimas. Atendo-se, entretanto, à análise de problemas de lingüística estrutural, Mounin não vê — nem poderia ver — soluções adequadas nesse sentido; pelo contrário, mostra quão grandes são as dificuldades para encontrar equivalentes semânticos nos diferentes sistemas lingüísticos e culturais.

J. P. Vinay (1968, p. 731), mesmo reconhecendo a necessidade da pesquisa semântica sobre o léxico e sobre as formas gramaticais, salienta que esta pesquisa não parece primordial e não passa de um meio externo de abordagem, que não explica o processo tradutório em si, função, segundo ele, essencialmente lingüística. Nota que, na tradução da mensagem, algo se perde inevitavelmente: é o fenômeno da entropia, que se verifica sempre entre um texto original e sua tradução. Para minimizar tal fenômeno, propõe o recurso à situação extralingüística e ao valor sintagmático das palavras, isto é, ao próprio contexto lingüístico, como meio de pesquisa semântica.

Em *La stylistique comparée du français et de l'anglais* (1972), J. P. Vinay & J. Darbelnet tentam ressaltar o papel dos valores sintagmáticos das palavras, sobretudo em tradução.

Vendo na passagem da língua-fonte à língua-alvo um caso particular ou uma aplicação prática de estilística comparada, os autores estabelecem seu conceito de tradução com base no conceito de signo. Entendem que a interação entre o significante e o significado, da teoria saussuriana, é aplicável no caso da tradução; mas acrescentam que, na tradução, a interação não se opera somente entre significantes e significados, como também no plano sintagmático, de signo a signo, de modo que a totalidade dos signos de um enunciado é mais significativa do que a simples soma dos signos componentes desse enunciado. Insistem os autores no princípio de que o tradutor se ocupa, acima de tudo, com o aspecto conceptual, com a mensagem, e deve encontrar equivalentes do ponto de vista da mensagem, não da forma (Vinay & Darbelnet, 1972, p. 29). Ressaltam que seu método se distingue da análise estrutural, pois o tradutor se preocupa mais com semântica que com estrutura; por isso, seu ponto de partida é uma unidade definida em função do sentido (p. 37, nota 10). Esta unidade, não puramente formal, demonstra uma recusa da tradução de palavras: os autores a denominam **unidade de pensamento**, ou **unidade lexicológica**, ou **unidade de sentido**, ou **unidade de tradução**, e a definem como "o menor segmento do enunciado cuja coesão de signos é tal que eles não podem ser traduzidos separadamente" (p. 37). Como o tradutor deve encontrar equivalentes destas unidades na língua-alvo, os autores propõem procedimentos técnicos, os quais, por sua vez, demonstram sua preocupação com a comparação e a busca de equivalência no plano dos sistemas morfossintáticos e lexicais. Dos sete procedimentos propostos, consideram três como sendo de tradução direta ou literal: o empréstimo, o calque e a tradução literal propriamente dita; os demais quatro procedimentos técnicos — a transposição, a modulação, a equivalência e a adaptação — são sugeridos para os casos em que os primeiros forem inaceitáveis, isto é: se se não produzirem sentido ou alterarem o sentido do original; ou se não tiverem equivalente quanto à estrutura ou quanto ao estilo (p. 46-55). Nota-se pois, que, apesar de se tratar de problemas essencialmente de natureza semântica, as análises e os procedimentos apresentados na **Stylistique comparée** caracterizam uma metodologia estruturalista, voltada que está para as dificuldades de ordem léxico-morfossintática decorrentes da impenetrabilidade que existe entre os diferentes sistemas lingüísticos.

Por sua vez, Nida & Taber — conforme a definição que abre o presente artigo — estabelecem a tarefa prioritária do tradutor, nesta ordem de preocupações: deve-se exprimir, em primeiro lugar, o equivalente quanto ao sentido; em segundo

lugar, o equivalente quanto à forma. Reafirmam estes autores o postulado da traduzibilidade, afirmando que "tudo o que pode ser dito numa língua pode sê-lo em outra, salvo se a própria forma for um elemento essencial da mensagem" (Nida & Taber, 1974, p. 4); reconhecem a função da forma como subserviente do conteúdo: "Para preservar o conteúdo da mensagem, a forma deve ser alterada" (p. 5), pois, "para comunicar efetivamente, deve-se respeitar o gênio de cada língua" (p. 4).

Num artigo sobre a tradução do sentido e a tradução do estilo, Taber (1972, p. 55) distingue as estruturas profundas, semânticas, como significativas e conscientes, semelhantes nas diferentes línguas, e as estruturas de superfície, bastante diferentes de uma língua para outra e produzidas mais ou menos automaticamente. Este duplo aspecto explica a distinção que Nida & Taber estabelecem, na tradução, entre a equivalência quanto ao sentido e quanto à forma.

De acordo com o artigo de Taber (1972, p. 57-61), para a tradução do sentido é necessário, preliminarmente, pesquisar o sentido global, através da identificação da significação das estruturas e da significação das unidades. Como base para esta operação, propõe as categorias semânticas (objetos, acontecimentos, abstrações) em lugar das categorias de palavras gramaticais (substantivo, verbo, adjetivo, advérbio). Muitas vezes, em diferentes línguas, essas unidades não se recobrem, e aí reside a vantagem das categorias semânticas. Segue a análise dos componentes semânticos dos termos, para encontrar os elementos essenciais. O método consiste em analisar conjuntos de termos de sentido similar, através da semelhança de sentidos: primeiro, verificam-se os componentes comuns, depois os componentes distintivos e, enfim, os componentes suplementares. Semelhante procedimento de análise dos componentes semânticos em vista da tradução é proposto num artigo de Nida (1971).

A Semântica é, portanto, um ramo de interesse fundamental nos dois passos do processo da tradução: a decodificação do texto original e sua recodificação na língua-alvo, com vistas à equivalência de sentido das duas mensagens. Como a Semântica ainda está em busca de instrumentos rigorosos de descrição do sentido — quer sejam estes instrumentos puramente lingüísticos, quer sejam extralingüísticos, contextuais e culturais, a Teoria da Tradução reconhece nesta disciplina uma das colunas-mestras na construção de seu modelo teórico e operacional.

Certas definições de tradução pecam por serem demasiado simplistas: não dão conta, pelo menos explicitamente, da complexidade do processo, não consideram que esta operação de comunicação lingüística é condicionada por vários fatores que não são abordados pelos estudos da Microlingüística. Com efeito, para assegurar a invariância da mensagem com vistas ao destinatário da tradução, além da pesquisa propriamente semântica, o tradutor deve valer-se de conhecimentos e procedimentos fornecidos por outras disciplinas que abordam problemas de linguagem relacionados com a situação psicológica do autor e do leitor, com o contexto extralingüístico, com as condições e os meios da comunicação lingüística, com as diferenças culturais entre os povos, com os aspectos idiomáticos e estilísticos da língua-fonte e da língua-alvo.

Darbelnet, retomando a noção de **elementos de sentido**, como sinônima de **unidades de sentido**, **unidades semânticas**, **unidades de pensamento**, **unidades de tradução**, em seu artigo *Niveaux de la traduction* (1977, p. 7), procura dar conta do condicionamento do sentido em relação a outros fatores, propondo a seguinte definição:

"A tradução é uma operação que consiste em fazer passar de uma língua para outra todos os elementos de sentido de um texto, e apenas esses elementos de sentido, de modo que conservem na língua-alvo sua importância relativa bem como sua tonalidade, levando em conta as diferenças que entre si apresentam as culturas às quais correspondem, respectivamente, a língua-fonte e a língua-alvo."

Poder-se-ia discutir se estes conceitos, que apontam, em parte, a complexidade da operação de tradução, não são válidos para todo ato de comunicação lingüística. Tanto numa situação quanto noutra, a transmissão e compreensão da mensagem, daquilo que o emissor pretende dizer, é condicionada por fatores variados, cujo estudo a Lingüística não tem condições de esgotar: a percepção, a idade, o sexo, o nível sócio-cultural, o conhecimento da língua, o conhecimento da realidade expressa pelos enunciados, a informação implícita requerida para a captação da informação explícita, entre outros.

Isto permite ver de imediato que, mesmo sendo básica para se estabelecer uma Teoria da Tradução, a Microlingüística não é, por si só, suficiente. Uma teoria abrangente, capaz de dar conta dos múltiplos aspectos envolvidos na tradução, deve apelar para um conjunto de outras ciências da linguagem, do âmbito da Macrolingüística.

Autores recentes, desconsiderando as razões apontadas quanto à dificuldade ou impossibilidade de tradução devida à diversidade dos sistemas lingüísticos, investigam a tradução como um ato de comunicação (em segunda mão) de mensagens, em situação concreta. O cerne do problema deixa de estar nos meios de expressão, deslocando-se para o conteúdo a ser transmitido.

Um primeiro pressuposto desta corrente apóia-se na universalidade do pensamento humano. Jakobson afirma categoricamente que "toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente" (Jakobson, 1977, p. 67) e que "a hipótese de dados cognitivos inefáveis ou intraduzíveis seria uma contradição nos termos" (p. 70). Defende este autor a possibilidade de tradução da totalidade da informação conceitual contida na mensagem original.

Interpretando outros autores que relacionam o ato de tradução com o pensamento, pode-se estabelecer o seguinte esquema descritivo do processo: o texto LF, com a leitura, faz-se pensamento; e este pensamento, na tradução, volta a transformar-se num texto LA. Veja-se como discorre Boulgakof (apud Seleskovitch, 1968, p. 13) sobre a tradução:

"Uma transposição de frases, passo a passo e forma a forma, uma tal tradução literal seria não somente monstruosa, e até impossível, mas ainda absolutamente imprecisa e incorreta, pois *si duo dicunt idem, non est idem*; esta expressão aplica-se exatamente ao caso da linguagem. É evidente que, no processo de tradução, o pensamento se despoja de uma palavra para revestir outra, ele se reencarna, ainda que em momento algum permaneça mudo. A ontogênese lexical e gramatical do pensamento se repete no espírito do tradutor, ontogênese durante a qual nascem novamente as equivalências de todos os meios lingüísticos que são dados no original. Esta unidade de conteúdo, esta independência do pensamento em relação à diversidade das formas, o problema da tradução (ela é possível? e como é possível?), apresentam um objeto de reflexão que os lingüistas deixaram passar despercebido."

A importância dada ao aspecto cognitivo é acentuada por D. Moskowitz, cuja definição de tradução é centrada na mensagem, com ausência de referências explícitas a problemas formais ou estilísticos.

"A tradução tem por objetivo fazer compreender a um destinatário ou a um grupo de destinatários de uma língua-alvo as idéias de um emissor da língua-fonte. Trata-se de tornar uma mensagem acessível a alguém que não possa apreendê-la dire-

tamente. (...) A tradução tende a fornecer ao destinatário a mesma informação e a transmitir-lhe a mesma mensagem que as recebidas pelo destinatário-tradutor. O tradutor deve assegurar a equivalência funcional das duas mensagens (...), isto é, uma invariância da informação. Para assegurar esta invariância, o tradutor deve compreender a mensagem na língua-fonte, sem o que ele não poderá emitir uma mensagem equivalente e compreensível na língua-alvo" (Moskowitz, 1973, p. 72-4).

Deve-se considerar ainda que a mensagem contém uma informação explícita, cuja compreensão só é possível mediante uma informação implícita que o destinatário supostamente já possui (p. 73).

Tal conceituação não investiga análises contrastivas dos sistemas lingüísticos; ocupa-se com a operação da tradução focalizada como processo fundamentalmente duplo: a decodificação e a recodificação de uma mensagem, com objetivo essencialmente informativo.

M. Pergnier recusa a idéia da impossibilidade da tradução: para ele, impossibilidade de traduzir palavras não implica impossibilidade de traduzir mensagens. Indo mais longe, Pergnier contradiz o princípio de Vinay & Darbelnet, e afirma que a tradução-calque não é possível, pois não se trata de traduzir unidades. O essencial é o processo mental por que passa o tradutor: não se trata somente de substituir, mas de fazer uma exegese do sentido das mensagens. Para tanto, além do conhecimento lingüístico, requer-se o conhecimento do referente. Em si, não é pertinente distinguir tradução "literal" e "livre"; só é boa a tradução livre, entendida como aquela que "substitui a totalidade de um enunciado por outro enunciado que apresenta as mesmas características de adequação à totalidade da situação" (Pergnier, 1973, p. 28-34). O próprio sentido do texto não é a soma dos significados, mas representa uma síntese original, no cruzamento das referências estruturais e das referências situacionais; exige, portanto, conhecimento lingüístico e conhecimento da realidade extralingüística (p. 38).

São semelhantes os conceitos de M. Lederer. Antes de traduzir, é necessário determinar a significação pertinente dos signos, a fim de encontrar seu equivalente numa outra língua. Mas, para determinar o significado, é preciso compreender, eliminar a polissemia do enunciado e encontrar uma mensagem (Lederer, 1973, p. 7). O sentido apóia-se na significação lingüística, mas esta não o esgota: é o texto, globalmente, que permite aprender o que o autor quer dizer (p. 8-9). Como a compreensão do enunciado repousa num conhecimento duplo — o da realidade evocada pelo enunciado e o da língua — não se trata de encontrar uma significação na língua, mas na

fala; conseqüentemente, o método do tradutor não pode ser a análise lingüística, mas a explicação semântica dos textos (p. 11-4). Os dois momentos distintos da operação-tradução são esquematizados por Lederer, quando afirma que traduzir só é possível se os conhecimentos do tradutor lhe permitem, primeiramente, passar da palavra ao pensamento e, a seguir, deste novamente à palavra, sem falsear o sentido (p. 18).

Retomando a conceituação de Lederer, Seleskovitch (1973a, p. 5) situa a tradução em relação ao sentido, que é o objeto a captar e a transpor. Em vista disso, o que importa na tradução é a fala, pois o enunciado lingüístico corresponde à vontade do autor de comunicar um sentido. Ao contrário da lingüística estrutural que não aborda o estudo do sentido, Chomsky representa um passo em frente, mas, segundo Seleskovitch, também se restringe ao estudo da língua (1973b, p. 106-8).

Outros autores expõem pontos de vista parecidos com os precedentes: segundo Fourquet (1972, p. 64), o tradutor faz uma exegese exaustiva para chegar ao sentido e comunicar este sentido na língua-alvo; para Zemb (1972, p. 85), a universalidade do sentido e a relatividade dos sistemas de expressão tornam a tradução possível e necessária.

Vai mais longe Lederer (1976, p. 39-41) quando considera que tradução não é propriamente uma transcodificação: "a transcodificação é um contato entre duas línguas; a tradução, quando se está suficientemente certo acerca do sentido para se apoiar só sobre ele a fim de fazer compreender o original, é um contato direto entre um conteúdo semântico e uma só forma lingüística. A tradução clara segue o modelo da **comunicação unilingüe**". Diz o mesmo autor que nada é intraduzível e que os problemas de intraduzibilidade foram levantados pela comparação dos signos lingüísticos fora do discurso, fora da fala. Eles deixam de existir ao nível da comunicação, isto é, "quando o único objeto da tradução é fazer compreender a seus destinatários o conteúdo da mensagem que lhes é dirigida". No centro da operação da tradução está o pensamento a transmitir. A tradução que procede de uma idéia é não somente um meio de comunicação, mas ainda, "graças à dupla luz lançada pela expressão das mesmas idéias em duas línguas, o modelo do discurso que permite analisar as relações entre o pensamento e a palavra".

Em suma, se se tomar como centro da operação tradutória a decodificação e recodificação de uma mensagem informativa, os problemas no plano da expressão lingüística têm menos

peso, são minimizados. Pois, como afirma Seleskovitch (1976, p. 81), qualquer teoria da tradução "postula que toda língua possui a capacidade de dizer claramente aquilo que é claramente concebido, de modo que afasta como não-pertinente o problema da ausência de equivalências no plano dos significados".

Além do modelo da transmissão da mensagem, a Teoria da Comunicação e Informação estuda também as condições de comunicabilidade da mensagem, o que é de particular interesse da Tradutologia (cf. Nida, 1964, p. 120-44). Parte-se do princípio, já citado acima, da entropia, segundo o qual toda mensagem sofre a ação do ruído que pode ocasionar perturbação na transmissão e mesmo distorção da mensagem. A entropia pode, pois, mascarar o significado da mensagem, dificultando sua compreensão. Por outro lado, ela pode ser compensada por dois fatores positivos, considerados entropia negativa: a redundância, ou existência de elementos repetidos na mensagem, que assegura a inteligibilidade da informação; e o "feedback", ou efeito aparente das palavras do emissor sobre o receptor, manifestado principalmente em mensagens sonoras ao vivo.

Percebe-se facilmente que, no caso da tradução, onde há duas codificações e duas decodificações da mesma mensagem, o canal da comunicação é consideravelmente mais longo e a entropia aparece duas vezes: na transmissão da mensagem original e na da mensagem traduzida. A compreensão da mensagem traduzida tem, pois, dupla probabilidade de sofrer distorções ou perdas causadas pelas diferentes fontes de ruído.

Segundo Nida (1964, p. 132), na tradução, o canal de comunicação é sobrecarregado pelo fato de o contexto ser originalmente em outra língua e por estar inserido em um quadro cultural estranho ao quadro cultural do receptor-tradutor. As fontes de ruído são, neste caso, do ponto de vista formal, a ortografia, a morfologia e a sintaxe da língua-fonte e, do ponto de vista semântico, o próprio léxico com suas áreas de significado muitas vezes divergentes, e a natureza dos temas, que podem constituir sobrecargas consideráveis para o canal.

Uma mensagem é preparada, em princípio, para se adaptar ao canal do decodificador. O tradutor deverá adequar a mensagem ao canal receptor da segunda língua: Quando há tradução literal, ao pé da letra, isto é, calcada na forma do original, o canal do decodificador torna-se consideravelmente diminuído e a sobrecarga da comunicação aumenta proporcionalmente. Mas numa tradução em que a mensagem é dinamicamente

adequada a uma forma diferente da original, para preservar a equivalência semântica, o canal é proporcional à mensagem e a carga de comunicação equilibrada. A excelência de uma tradução, para Nida (1964, p. 144), deve ser avaliada pela resposta dos receptores: toda mensagem deve constituir-se num desafio, o qual não está na dificuldade da decodificação, mas no imprevisível do contexto, na originalidade da forma, na combinação original das palavras, na maneira nova de apresentar velhos conceitos.

Concebendo a tradução como fala, como ato concreto de transmissão de mensagens, sujeito aos diversos fatores que condicionam a comunicação e a comunicabilidade das mensagens, a Tradutologia só poderá ser beneficiada se se apoiar nos modelos teóricos e práticos da Teoria da Comunicação e Informação.

3.2 — Estilística e Tradutologia

Como foi referido acima, Martinet (1976, p. 356) preconiza que, na tradução, se verifique se é possível reproduzir na língua-alvo o conteúdo expressivo, afetivo, intelectual e cultural, ou seu equivalente mais aproximado, e quais seriam os meios formais a serem utilizados para tanto. Nida & Taber (1974, p. 12) também insistem na necessidade de se reproduzir o equivalente da mensagem quanto à forma. Darbelnet (1977, p. 11) afirma ser tarefa do tradutor manter a tom, a tonalidade, em outras palavras, o estilo do original.

Atinge-se, com isso, o problema da tradução sob o ponto de vista da forma. Estão envolvidos, primeiramente, todos os meios formais disponíveis em cada língua, tais como figuras estilísticas, metáforas, antíteses, aliterações, trocadilhos, rimas, ritmos, valores expressivos de determinadas palavras, efeitos retóricos e conotativos. Está envolvida também a classificação dos textos quanto aos gêneros, os registros e, principalmente, suas funções; pois, nos textos literários e poéticos, os meios formais e expressivos parecem assumir o primeiro plano de importância funcional.

A Estilística tem, assim, uma contribuição decisiva a fornecer à Teoria da Tradução, tanto no momento da decodificação, pela identificação dos diferentes elementos caracterizados do estilo do texto original, quanto no momento da recodificação, pela escolha das equivalências estilísticas ou, se for impossível determinar um equivalente para cada um dos recursos estilísticos do original, pela equivalência estilística

global da tradução através da escolha de recursos compensadores.

Taber (1972, p. 61-3) chama **estilo** a tradução dos valores formais. Segundo ele, o tradutor deve procurar a adaptação ao uso idiomático da língua-alvo e a fidelidade aos valores estilísticos do original. O estilo é ligado, por um lado, à estrutura semântica e, por outro, à estrutura de superfície. Nas opções que o tradutor necessariamente terá que fazer, há duas linhas possíveis a seguir: ou recriar na língua-alvo as particularidades da língua-fonte, ou substituir na língua-alvo os traços estilísticos da língua-fonte pelos traços estilísticos da língua-alvo.

Nida & Taber (1974, p. 22-3) consideram o primeiro caso como de equivalência formal, e o segundo, de equivalência dinâmica. Outrora, dava-se primazia à equivalência formal; mas hoje, os autores preconizam o primado da equivalência dinâmica: a preocupação com o aspecto idiomático da língua alvo está em função do receptor da tradução, e pode ser mesmo uma maneira de preservar a invariância do sentido.

Considerando-se a variedade de tipos de textos, desde os que são meramente informativos até os textos literários e poéticos, é lógico que uma única concepção, precisa e operacional, de tradução ainda não pode ser estabelecida com aplicabilidade universal. Quanto mais nos afastamos da informação objetiva para abordarmos o terreno em que predomina o valor da forma e do estilo, mais complexo se torna o processo. Segundo a Teoria da Literatura, não se pode negar que os valores formais e estilísticos integrem o sentido de textos literários e poéticos.

Os autores estão divididos, por exemplo, quanto à traduzibilidade da poesia: de um lado, domina a idéia de que poesia — por não ser dado cognitivo — é absolutamente intraduzível; de outro lado, afirma-se que tudo é traduzível, desde que seja comparável o nível cultural dos povos que falam as respectivas línguas, e desde que a própria forma lingüística não seja o conteúdo da mensagem.

Diante do exposto, parece inquestionável a contribuição que a Tradutologia pode esperar, não somente da Estilística, mas também de duas outras ciências ligadas ao estudo de textos, principalmente literários: a Teoria da Literatura e a Filologia; a primeira, relacionada mais diretamente com problemas estilísticos, pela descrição dos diferentes gêneros, de

suas estruturas formais e da relação entre seus elementos constitutivos; a segunda, voltada para a explicação de textos de outras épocas, através da descrição de seu contexto histórico e da pesquisa sobre seu sentido original, permitindo compreender as relações entre significados e significantes no sistema intelectual e cultural da época em que aqueles textos foram produzidos.

3.3 — Sociolingüística e Tradutologia

Entre as disciplinas englobadas pela Macrolingüística, não poderia ser relegada ao último plano a Sociolingüística, pela contribuição que tem a oferecer à Teoria da Tradução.

A Sociolingüística, que estuda sistematicamente as relações entre estruturas sociais e estruturas lingüísticas, faz-nos compreender as diferentes formas de comunicação utilizadas em função de diferentes fatores socio-culturais. Assim, no dizer de M. Wandruszka (1972, p. 102-3), cada uma de nossas línguas é, na realidade, um feixe de línguas, um conglomerado de constantes e variantes; os dialetos, os falares regionais e locais, as gírias, as linguagens específicas de diversos grupos sociais em diferentes situações socio-culturais, são consideradas tais a partir e em função de uma norma-padrão social, da qual as variantes se aproximam ou se afastam mais ou menos. Dentro da sociedade, cada um dos falantes dispõe de toda uma gama de registros que usa em contextos e momentos diferentes, de acordo com a situação do próprio falante e do seu interlocutor.

Ora, estes aspectos da Sociolingüística são de sumo interesse para a Teoria da Tradução, pelo fato de que a tradução nunca é uma simples transcodificação de um monossistema padrão para outro monossistema padrão, mas a expressão de equivalências entre dois polissistemas extremamente complexos, sem equivalência precisa entre a complexidade de um código e a complexidade do outro. Na realidade, como observa Wandruszka, o chamado bilingüismo do tradutor é um bi-plurilingüismo.

Se a descrição das variantes, dos registros, dos usos lingüísticos condicionados a fatores socioculturais não pode deixar de ser levada em consideração na Teoria da Tradução, esta deve valer-se da contribuição que a Sociolingüística lhe oferece.

3.4 — Etnolingüística e Tradutologia

Próxima da Sociolingüística, pelo seu objeto formal e pelo papel que desempenha na Teoria da Tradução, está a Etnolingüística, ou seja, a ciência que estuda a linguagem das diferentes sociedades ou culturas.

Não se pode ter acesso às significações das palavras por via unicamente lingüística, e os lingüistas não exploraram a possibilidade de se conseguir este acesso às significações dentro de visões do mundo, de culturas diferentes; este constitui o objeto central dos estudos etnológicos e etnográficos e, mais precisamente, da etnolingüística.

Já se comprovou que, para se chegar à compreensão satisfatória de textos pertencentes a qualquer cultura, é necessário informar-se previamente, com precisão, sobre essa cultura, sobre sua história, suas peculiaridades quanto a crenças e mitos, usos alimentares e indumentários, tecnológicos, sociais e morais, de trabalho e de lazer, características geográficas e ecológicas; e que todos os usos e costumes de um povo determinam e condicionam particularidades lingüísticas, as quais, por sua vez, interessam diretamente qualquer Teoria da Tradução. Pois, como afirma Nida (1975, p. 78), "as palavras não podem ser compreendidas corretamente quando isoladas dos fenômenos culturais localizados dos quais constituem os símbolos".

Propõe Nida (1975, p. 68-76) um esquema definidor dos principais problemas de tradução envolvidos por aspectos etnológicos. Segundo o autor, uma vez que as palavras são essencialmente símbolos culturais, a Semântica deverá examinar atentamente vários aspectos fundamentais das culturas envolvidas no texto a ser traduzido, a fim de se encontrarem equivalentes culturais e lingüísticos na língua-alvo. Neste sentido propõe que sejam estudados sistematicamente cinco tipos de fatores culturais: a ecologia, a cultura material, a cultura social, a cultura religiosa e a cultura lingüística.

Em vista da existência desses universos ao mesmo tempo diferentes e impenetráveis entre si, compreende-se que tal hiato constitua uma das grandes dificuldades do tradutor. Por isso, a Etnolingüística parece ser uma via insubstituível de acesso às significações e uma disciplina básica no fornecimento de subsídios à Tradutologia.

3.5 — Psicolingüística e Tradutologia

Outra disciplina que pertence ao vasto campo da Macro-

lingüística é a Psicolingüística. Seu objeto não é propriamente o estudo da natureza da linguagem humana; ela aceita os postulados da Lingüística e pesquisa sobre o modo como se produz o processo da linguagem, sobre os fatores que determinam os atos de fala e sobre a relação destes com a consciência dos falantes (Hörmann, 1972, p. 10). Procura-se, na Psicolingüística, seguir o fenômeno da comunicação no seu próprio desenvolvimento, no curso de sua realização, interpretando dinamicamente os fatos da língua em relação ao estado psíquico dos falantes, explicando aspectos de que modelos cibernéticos de comunicação não dão conta. De acordo com Slama-Cazacu, a Psicolingüística considera o caráter bilateral e reversível da comunicação, a relação entre a mensagem e o conhecimento humano dos interlocutores, a flexibilidade de adaptação à situação, o contexto social e histórico no qual se inclui a relação emissor-receptor, e enfim, o caráter fundamental da comunicação humana, o fato de ser regida pela consciência e pela intencionalidade (Slama-Cazacu, 1979, p. 49-53). Descreve-se, pois, "a situação real da comunicação no contexto relacional e dinâmico das trocas entre emissor e receptor, determinadas pelo conjunto situacional, pelo contexto tanto stricto sensu quanto em sua acepção mais ampla". Este estudo da comunicação enquanto processo real, onde aparecem modificações da mensagem provocadas pelas situações e pelas relações entre os interlocutores influenciados pelo estado psíquico de cada um, incide não somente sobre os signos lingüísticos propriamente ditos, mas também sobre os componentes não-verbais que afetam o sentido dos signos verbais (Slama-Cazacu, 1979, p. 61-3).

Se o processo assim estudado já se afigura complexo em qualquer comunicação unilingüe, sua complexidade na tradução aumenta, na medida em que o tradutor deve, por um lado, considerar todos aqueles fatores no texto original e, por outro lado, dar conta deles no texto que vai produzir na língua-alvo. É, pois, pertinente colocar-se a Psicolingüística entre as ciências que integram a base de conhecimento da Teoria da Tradução.

3.6 — Pragmática Lingüística e Tradutologia

Uma disciplina recente, agora em pleno desenvolvimento — a Pragmática Lingüística — procura determinar os fatores que, além da sintaxe e da semântica, devem ser envolvidos na interpretação dos signos lingüísticos da fala. Segundo Diller & Récanati (1979, p. 3), a Pragmática "fornece não somente um quadro teórico que permite tratar de assuntos tais como

os atos de linguagem, a argumentação, as 'leis' da conversação e os subentendidos, mas também um modo de abordagem original de problemas que tradicionalmente se consideram ligados à semântica: referência, modalidades, pressuposições, etc. Mais geralmente, a Pragmática estuda a utilização da linguagem do discurso e as marcas específicas que, na língua, atestam sua vocação discursiva".

Nem sempre a situação a que se refere um enunciado está integralmente simbolizada na frase; para se compreender com precisão o sentido de um enunciado, deve-se levar em conta, além do próprio enunciado, o contexto em que este se realiza, o qual é indicado por certos elementos da frase. A maior parte dos lingüistas, afirmam Diller & Récanati, admitem hoje a necessidade de se integrar na descrição semântica dos enunciados pelo menos as "indicações de força ilocutória", isto é, aquelas indicações que dizem respeito ao seu valor de ato.

Uma definição mais simples, de U. W. Dressler (apud Reiss, 1980), considera que a Pragmática "trata das relações existentes entre um elemento lingüístico e seus produtores, seus manipuladores e seus receptores dentro de uma situação comunicativa". Trata-se de levar em conta o fato de que a comunicação se processa num determinado momento e lugar, no seio de determinada comunidade lingüística caracterizada por suas particularidades socio-culturais, e que se traduzem através de procedimentos também particulares de textualização, considerados os conhecimentos prévios ou as informações implícitas que se supõem. Com isso, são devidamente valorizados, mas de maneira sistemática, os aspectos extralingüísticos do texto. Distinguem-se várias dimensões na Pragmática: a Pragmática do emissor e a do receptor, a Pragmática individual, a de grupos, a coletiva (Reiss, 1980).

Vários dentre os autores já citados no presente trabalho insistem no sentido de que o tradutor deve reexpressar o que o autor teve a intenção de dizer. Para poder realizar tal função, importa que não só conheça bem os dois códigos lingüísticos, mas tenha diante dos olhos a realidade extralingüística implícita no texto, as informações implícitas, as condições socio-culturais em que o texto se produziu, os subentendidos, as alusões culturais, históricas ou literárias, as intenções do autor e ainda os aspectos socio-culturais e usos lingüísticos da comunidade à qual se destina a tradução.

Deste ponto de vista, o procedimento do tradutor se desdobrá em três momentos: primeiro, deve examinar a natureza

da relação pragmática, sua influência nas relações sintática e semântica, a função que ela exerce no contexto lingüístico e situacional do texto original; segundo, há de procurar um ponto comum na pragmática dos destinatários do texto original e na dos destinatários da tradução; terceiro, a partir desta análise, escolherá os meios lingüísticos que assegurem a equivalência pragmática da tradução (Reiss, 1980).

Assim vista como um instrumento de que o tradutor dispõe para superar os problemas das divergências pragmáticas entre duas comunidades — as da língua-fonte e da língua-alvo — e para determinar a escolha das equivalências semânticas e expressivas a serem utilizadas em qualquer tradução, a Pragmática Lingüística é chamada pela Tradutologia a integrar seu corpo de conhecimentos, princípios e teorias.

4 — CONCLUSÕES

Após se ter situado a Tradutologia em relação às diferentes ciências da linguagem e às contribuições específicas que cada uma delas lhe pode trazer, destacam-se algumas conclusões:

4.1 — A pesquisa demonstra que já se formou um corpo coerente de conceitos, teorias e métodos, fundamentados em análises do processo da tradução, que justificam reconhecer-se à Tradutologia um caráter científico.

4.2 — A descrição do processo tradutório e dos diferentes fatores que o envolvem e o condicionam caracteriza a tradução como uma atividade essencialmente de comunicação lingüística. Mas as condições às quais está sujeito o tradutor fazem com que sua atividade seja distinta de todas as demais formas de comunicação, com princípios, fundamentos e normas próprias.

4.3 — O objeto formal da Tradutologia, que é o estudo do processo da tradução — apesar das divergências entre os autores sobre diversos aspectos relativos à conceituação deste processo —, é diferente do objeto de qualquer outra das ciências da linguagem, de modo que a Tradutologia não pode mais, atualmente, ser considerada apenas como um ramo da Lingüística.

4.4 — Um dos princípios que fundamentam a complexidade da tradução e, conseqüentemente, da Tradutologia, provém da diversidade de textos a serem traduzidos e da diversidade de destinatários das traduções, resultando numa grande

gama de objetivos, dificuldades e tipos de tradução, cada um dos quais regido por modelos próprios.

4.5 — Da própria descrição do processo tradutório e de suas implicações ressalta sua complexidade. A Tradutologia dá conta desta complexidade fundamentando seu modelo teórico e prático sobre as contribuições que busca, não só na Microlinguística — a descrição dos sistemas fonológicos, morfo-sintáticos e semânticos das línguas —, mas em todas as ciências englobadas pela chamada Macrolinguística, que fornecem conhecimentos relativos a problemas de estilo, de comunicação e transmissão de informações, de aspectos socio-culturais e etnológicos, ou de aspectos psicológicos e pragmáticos da linguagem, aplicáveis à atividade do tradutor.

4.6 — A Tradutologia é, pois, uma ciência interdisciplinar, na convergência da Linguística, da Estilística, da Teoria da Comunicação e Informação, da Sociolinguística, da Etnolinguística, da Psicolinguística, da Pragmática Linguística. Nesta constelação de ciências poderiam ser incluídas outras disciplinas que pesquisam aspectos relativos à linguagem e de interesse do tradutor, mas sobre cujas contribuições este trabalho não se deteve: a Teoria da Literatura, a Filologia, a Análise Contrastiva, a Linguística Computacional, a Análise de Erros, a Análise Transfrasal do Texto.

4.7 — Apesar de se ter salientado o caráter de ciência autônoma da Tradutologia, parece claro que se trata de uma ciência ainda recente. Muitas de suas teorias iniciais já foram superadas ou abandonadas, muitas outras ainda necessitam ser testadas e verificadas através de estudos mais aprofundados. A contribuição principalmente das novas ciências da linguagem merece ser estudada sistematicamente, e neste terreno tem-se um campo aberto de pesquisas teóricas e práticas para os estudiosos da tradução e da linguagem em geral.

4.8 — Partindo-se do princípio de que a Linguística Aplicada abrange praticamente qualquer atividade relacionada com a linguagem que possa beneficiar-se das descrições e teorias linguísticas, pode-se admitir que uma Linguística Aplicada à Tradução não se contentará apenas com informações fornecidas pela Linguística geral ou pela Linguística descritiva, mas deverá apoiar-se em todas as outras ciências da linguagem que integram a Macrolinguística, para elaborar seu discurso teórico interdisciplinar de análise da tradução, vista quer como processo, quer como produto da atividade do tradutor.

5 — REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 5.1 — ALLEN, J. P. Some basic concepts in Linguistics. In: ——— & CORDER, S. P., ed. *Papers in Applied Linguistics*. London, Oxford University Press, 1975. p. 16-44.
- 5.2 — CATFORD, J. C. *Una teoría lingüística de la traducción*. Venezuela, Universidad Central de Venezuela, 1970.
- 5.3 — CORDER, S. P. *Introducing Applied Linguistics*. Harmondsworth, Penguin, 1973.
- 5.4 — DARBELNET, Jean. Niveaux de la traduction. *Babel*. Budapest, Akadémiai Kiadó, 23 (1): 6-17, 1977.
- 5.5 — DILLER, A.-M. & RÉCANATI, F. Présentation. *Langue Française*. Paris, Larousse (42): 3-5, mai 1979.
- 5.6 — FOURQUET, Jean. La traduction vue d'une théorie du langage. *Langages*. Paris, Didier, Larousse, 7 (28): 64-9, déc. 1972.
- 5.7 — HORMANN, Hans. *Introduction à la psycholinguistique*. Paris, Larousse, 1972.
- 5.8 — JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 9. ed. São Paulo, Cultrix, 1977.
- 5.9 — LADMIRAL, Jean-René. Introduction. *Langages*. Paris, Didier, Larousse, 7 (28): 3-7, déc. 1972.
- 5.10 — LEDERER, Marianne. La traduction: transcoder ou réexprimer? *Etudes de linguistique appliquée*. Paris, Didier, Nouvelle série (12): 7-25, oct./déc. 1973.
- 5.11 — ———. Synecdoque et traduction. *Etudes de linguistique appliquée*. Paris, Didier, Nouvelle série (24): 13-41, oct./déc. 1976.
- 5.12 — LYONS, John. The scientific study of language. In: ALLEN, J. P. & CORDER, S. P., ed. *Readings for Applied Linguistics*. London, Oxford University Press, 1973. p. 162-77.
- 5.13 — MARTINET, André. *Conceitos fundamentais da linguística*. Lisboa, Presença, 1976.
- 5.14 — MOSKOWITZ, Daniel. Le traducteur: récepteur et destinataire du message. *Etudes de linguistique appliquée*. Paris, Didier, Nouvelle série (12): 71-84, oct./déc. 1973.
- 5.15 — MOUNIN, Georges. *Os problemas teóricos da tradução*. São Paulo, Cultrix, 1975.
- 5.16 — NEIS, Ignacio Antonio. Do conceito de tradução. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 12 (37): 76-94, set. 1979.
- 5.17 — NIDA, Eugene A. *Toward a science of translating*. Leiden, Brill, 1964.
- 5.18 — ———. Semantic components in translating theory. In: PERREN, G. E. & TRIM, J. L. M., ed. *Applications of Linguistics*. Cambridge University Press, 1971. p. 341-8.
- 5.19 — ———. *Exploring semantic structures*. München, Wilhelm Fink, 1975.
- 5.20 — ——— & TABER, Charles. *The theory and practice of translation*. Leiden, Brill, 1974.
- 5.21 — PERGNIER, Maurice. Traduction et théorie linguistique. *Etudes de linguistique appliquée*. Paris, Didier, Nouvelle série (12): 26-38, oct./déc. 1973.
- 5.22 — REISS, Katharina. La problemática de las divergencias pragmáticas entre el original y su traducción. Porto Alegre. Conferência proferida no Colégio Rosário, 10 set. 1980.
- 5.23 — RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro, Educom, 1976.
- 5.24 — SELESKOVITCH, Danica. *L'interprète dans les conférences internationales*. Paris, Minard, 1968.
- 5.25 — ———. Introduction. *Etudes de linguistique appliquée*. Paris, Didier, Nouvelle série (12): 5-6, oct./déc. 1973a.

- 5.26 — ———. Vision du monde et traduction. **Etudes de linguistique appliquée**. Paris, Didier, Nouvelle série (12): 105-9, oct./déc. 1973b.
- 5.27 — ———. Traduire: de l'expérience aux concepts. **Etudes de linguistique appliquée**. Paris, Didier, Nouvelle série (24): 64-91, oct./déc. 1976.
- 5.28 — SLAMA-CAZACU, Tatiana. **Psicolingüística aplicada ao ensino de linguas**. São Paulo, Pioneira, 1979.
- 5.29 — TABER, Charles R. Traduire le sens, traduire le style. **Langages**. Paris, Didier, Larousse, 7 (28): 55-63, déc. 1972.
- 5.30 — THEODOR, Erwin. **Tradução, ofício e arte**. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- 5.31 — VINAY, J.-P. La traduction humaine. In: MARTINET, André, ed. **Le langage**. Paris, Gallimard, 1968. p. 729-57.
- 5.32 — ——— & DARBELNET, J. **La stylistique comparée du français et de l'anglais**. ed. rev. corr. Paris, Didier, 1972.
- 5.33 — WANDRUSZKA, Mario. Le bilinguisme du traducteur. **Langages**. Paris, Didier, Larousse, 7 (28): 102-9, déc. 1972.
- 5.34 — ZEMB, Jean-Marie. Le même et les autres: les deux sources de la traduction. **Langages**. Paris, Didier, Larousse, 7 (28): 85-101, déc. 1972.